

■ Apresentação Marxismo selvagem

.....**Bruno Cava**

Existe uma crítica muito arraigada ao marxismo que, de matiz hegeliano, seria intrinsecamente produtivista, teleológico e antropocêntrico. Essa crítica muitas vezes é manejada contra o marxismo no poder, por exemplo, contra a forma particular de desenvolvimentismo adotada pelos governos Lula/Dilma no Brasil. Isto é, um projeto de desenvolvimento baseado numa métrica crescentista totalmente fundada na economia clássica e neoclássica: nos valores de troca, na produção extensiva e quantitativa, num modelo molar de estado progressista em direção ao “Primeiro Mundo”. Não são levados em consideração, nesse modo de medir desenvolvimentista, as qualidades singulares, as forças minoritárias e a multiplicidade de formas de vida, em sua riqueza intensiva e transformadora dos próprios “valores” da economia. O marxismo aparece, nesta modalidade atrofiada corretamente a criticar-se, como uma ideologia a serviço da redução ao econômico, assim como uma boa consciência e um apelo ao bom senso. Esse marxismo amante do trabalho, apaixonado pelo poder, com o estado na cabeça, que sonha proletários e proletárias de disciplina de ferro, mentes mecanicamente programadas e absolutamente nenhuma sensibilidade ou vida interior.

O velho ataque ao economicismo e teleologismo do marxismo contorna, no entanto, o fato que a crítica da economia política de Marx tomou por principais inimigos o economicismo dos economistas clássicos, como David Ricardo e Adam Smith, e a dialética teleológica da história de Hegel. Ambas as variantes teóricas são devastadas sem dó na obra de Marx. Por exemplo, mediante o conceito de *trabalho vivo* – que incorpora o intensivo, a “produção real de vida”, o “plasma criador”, além de qualquer trabalho visto como objetivação – e de *luta de classe*, pois nela a dialética não “resolve” as contradições político-históricas, enquanto o proletariado não abolir a si mesmo enquanto classe, significando, precisamente, construir uma sociedade sem classes: uma sociedade não-econômica. Marx ensina que não estamos presos para sempre na economia, não se trata de um destino, mas de uma realidade contingente e superável. A dialética é dialética capitalista e o comunismo a sua destruição. Tal tendência a-dialética e biopolítica de Marx foi atualizada por uma série de teóricos dos séculos XX e XXI, valendo destacar aqueles agregados sob a legenda abrangente do autonomismo marxista

italiano. Como síntese de um trabalho coletivo, podem-se citar *Operários e Capital* (TRONTI, 1966) e *Marx além de Marx* (NEGRI, 1979).

De fato, o problema não é Marx, mas os marxistas. É certo marxismo de estado, comprometido com a pactuação, o compromisso e a regulação do capitalismo, que toma nostálgicamente por norte as economias centrais fordistas do segundo pós-guerra, numa tentativa anacrônica de reeditar no Brasil a estratégia keynesiana daquela conjuntura específica e irrepetível. Só, assim, mutilando as potencialidades biopolíticas em nome de modelos e projetos, a esquerda no poder pode tergiversar da luta de classe, para assumir o “econômico” como principal ponto de encontro com as forças da exploração e da acumulação rentista, com quem se alia numa coalizão pelo desenvolvimento nacional. Foi assim que, seja a luta de classe, seja a ruptura não-dialética acabaram engavetadas, relegadas a ideário irresponsável de marxistas selvagens os quais, despidos de diagnóstico histórico, se colocariam fora da realidade. Numa gaiola de loucas, tal marxismo selvagem se colocaria fora de um realismo político. Assim, a esquerda no poder se isenta, em nome da “correlação de forças”, de tomar partido e imediatamente com as partes envolvidas, nas lutas de seu tempo.

Contudo, se quisermos falar de capitalismo falando em capitalismo, Marx é incontornável. Sem utopismos nem transcendências, para efetuar sua crítica imamente do capitalismo, pelas lutas nas lutas. O capitalismo afinal não vai soçobrar por suas próprias contradições, nem face à denúncia – ou já teria desabado. Se quisermos enfrentar o desafio das lutas pela abolição do trabalho (não há justa medida!) – isto é, pela abolição da subordinação e expropriação da vida na sua atividade de cooperação, inovação, revolução – então Marx é incontornável. E se quisermos escapar do produtivismo teleológico e dialético, também o são as tendências mais arejadas de uma heterodoxia marxista que, à exploração, à teoria do valor e ao estado desenvolvimentista, lança a aposta da autonomia, da autovalorização e do comum.

É preciso, portanto, ainda falar em trabalho (vivo), em produção (de-sejante), em poder (constituente) – três conceitos de positividade para que não deixemos escapular, na urgência encarnada das lutas, o caráter afirmativo, alegre e criador, da noção marxiana de libertação das forças produtivas (da multiplicidade). O capital não passa do limite inferior do comum, sua *menor* potência, porque confinada aos regimes de sujeição social e servocontrole maquinico, como explicava o militante marxista Felix Guattari.

Este número da *Revista Lugar Comum* mergulha nesse caldeamento de qualidades singulares, forças minoritárias e multiplicidade de formas de vida, num *aggiornamento* marxista à altura de nossos desejos, numa única palavra: no comum, diga-se logo, no comum do comunismo.